

Entre o Progresso e a Ruína: Modernidade e Capitalismo em O Paraíso das Damas

Between Progress and Ruin: Modernity and Capitalism in The Ladies' Paradise

Entre el Progreso y la Ruina: Modernidad y Capitalismo en El Paraíso de las Damas

Dr^a. Kassandra Naely Rodrigues dos Santos

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0003-3347-1928>

Dr^a. Milena Hoffmann Kunrath

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

<https://orcid.org/0000-0002-3335-1152>

Resumo: O presente artigo analisa a representação da modernização urbana e comercial da Paris do século XIX no romance *O Paraíso das Damas* (1883), de Émile Zola. Inserida no contexto do naturalismo e da série Os Rougon-Macquart, a obra retrata o surgimento e a expansão das grandes lojas de departamento durante o Segundo Império francês, evidenciando as transformações econômicas, sociais e culturais provocadas pela consolidação do capitalismo moderno. A análise concentra-se na oposição entre o comércio tradicional e os grandes magazines, observando como a narrativa representa tanto o fascínio exercido pelo consumo e pelo progresso urbano quanto a exploração do trabalho, a precarização social e a ruína dos pequenos comerciantes. O estudo também discute a influência das teorias deterministas e darwinistas na construção narrativa zoliana, especialmente por meio das metáforas animais e mecânicas que representam o capitalismo como uma força

expansiva e devoradora. Além disso, examina-se a presença de diferentes grupos sociais na obra, evidenciando as ambiguidades da modernidade capitalista, capaz de produzir simultaneamente desenvolvimento econômico e exclusão social. Desse modo, conclui-se que o romance constrói uma representação crítica e ambígua da modernização parisiense, articulando progresso, consumo e conflito social na formação da sociedade burguesa do século XIX.

Palavras-chave: Naturalismo; Capitalismo; Modernização urbana; Comércio; Émile Zola.

Abstract: This article analyzes the representation of urban and commercial modernization in nineteenth-century Paris in the novel *The Ladies' Paradise* (1883), by Émile Zola. Inserted within the context of Naturalism and the Les Rougon-Macquart series, the novel portrays the rise and expansion of department stores during the French Second Empire, highlighting the economic, social, and cultural transformations brought about by the consolidation of modern capitalism. The analysis focuses on the opposition between traditional commerce and large department stores, examining how the narrative represents both the fascination exerted by consumption and urban progress and the exploitation of labor, social precariousness, and the decline of small merchants. The study also discusses the influence of determinist and Darwinist theories on Zola's narrative construction, especially through animalistic and mechanical metaphors that depict capitalism as an expansive and devouring force. Furthermore, the article examines the presence of different social groups in the novel, emphasizing the ambiguities of capitalist modernity, which simultaneously produces economic development and social exclusion. Thus, the study concludes that the novel constructs a critical and ambivalent representation of Parisian modernization, articulating progress, consumption, and social conflict in the formation of nineteenth-century bourgeois society.

Keywords: Naturalism; capitalism; urban modernization; consumption; commerce; Émile Zola.

Resumen: El presente artículo analiza la representación de la modernización urbana y comercial de la París del siglo XIX en la novela *El Paraíso de las Damas* (1883), de Émile Zola. Inserta en el contexto del naturalismo y de la serie Los Rougon-Macquart, la obra retrata el surgimiento y la expansión de los grandes almacenes durante el Segundo Imperio francés, evidenciando las transformaciones económicas, sociales y culturales provocadas por la consolidación del capitalismo moderno. El análisis se centra en la oposición entre el comercio tradicional y los grandes magazines, observando cómo la narrativa representa tanto la fascinación ejercida por el consumo y el progreso urbano como la explotación laboral, la precarización social y la ruina de los pequeños comerciantes. El estudio también discute la

influencia de las teorías deterministas y darwinistas en la construcción narrativa zoliana, especialmente por medio de metáforas animalescas y mecánicas que representan el capitalismo como una fuerza expansiva y devoradora. Además, se examina la presencia de diferentes grupos sociales en la obra, destacando las ambigüedades de la modernidad capitalista, capaz de producir simultáneamente desarrollo económico y exclusión social. De este modo, se concluye que la novela construye una representación crítica y ambigua de la modernización parisina, articulando progreso, consumo y conflicto social en la formación de la sociedad burguesa del siglo XIX.

Palabras-clave: Naturalismo; capitalismo; modernización urbana; consumo; comercio; Émile Zola.

Introdução

O período de revoluções ocorrido na Europa durante o século XIX transformou profundamente o cenário ideológico, econômico e social das grandes cidades, impulsionando mudanças nas formas de produção industrial, nas relações de trabalho e nas práticas de consumo. Em Paris, o crescimento populacional e as reformas urbanas promovidas por Georges-Eugène Haussmann durante o Segundo Império de Napoleão III, consolidaram a capital francesa como símbolo da modernidade. Nesse contexto, a burguesia em ascensão ampliava seu poder econômico por meio do comércio, favorecendo o surgimento das grandes lojas de departamento, como Le Bon Marché, Printemps e Galeries Lafayette. Esses estabelecimentos revolucionaram a dinâmica comercial ao introduzirem práticas inovadoras, como preços fixos, vitrines atrativas e ampla exposição de mercadorias, transformando o ato de comprar em uma experiência de lazer e consumo. Frequentadas sobretudo pela burguesia e pela classe média emergente, as grandes lojas tornaram-se símbolos do capitalismo moderno e da sociedade de consumo.

Parte desse processo de modernização é representado no romance *O Paraíso das Damas* (1883), do escritor francês Émile Zola. Inspirada nas grandes lojas parisienses do século XIX, a obra retrata o surgimento e a expansão de um grande magazine que simboliza o avanço do capitalismo industrial e suas consequências sociais. Na narrativa, Zola evidencia tanto o fascínio exercido pelo consumo e pela abundância de mercadorias quanto a exploração do trabalho e a decadência do pequeno comércio tradicional. A expansão dessas grandes lojas provoca o enfraquecimento de pequenos comerciantes, artesãos e lojistas de bairro, incapazes de competir com o poder financeiro, os preços reduzidos e as estratégias publicitárias das grandes empresas comerciais. Enquanto o comércio tradicional fundamentava-se em relações pessoais e negociações diretas com os clientes, os magazines transformavam o consumo em uma experiência marcada pela abundância e pelo estímulo ao consumo impulsivo.

Publicado em 1883, o romance integra a série Os Rougon-Macquart: História Natural e Social de uma Família sob o Segundo Império (1871–1893) e pertence ao movimento naturalista, cuja proposta estética dialoga com teorias científicas do século XIX, como o determinismo, a hereditariedade e o evolucionismo. Influenciado pelas concepções científicas de sua época, Zola constrói uma representação das relações de trabalho e de consumo, abordando o cotidiano dos trabalhadores das grandes lojas, o fortalecimento econômico da burguesia e as mudanças nas formas de consumo das diferentes classes sociais.

A narrativa é marcada pela presença de distintos grupos sociais, entre eles a burguesia enriquecida, os funcionários dos magazines, representantes de uma nova classe trabalhadora urbana, e os pequenos comerciantes que resistem às transformações impostas pela modernização do comércio. Essa diversidade de perspectivas permite à obra representar tanto os sujeitos beneficiados pela expansão capitalista quanto aqueles que são marginalizados e conduzidos à precarização econômica. Isto posto, o romance evidencia as contradições do progresso urbano e comercial no século XIX, associando a modernização econômica ao aprofundamento das desigualdades sociais.

Nesse sentido, o presente artigo propõe uma análise literária da representação do processo de urbanização e das contradições do progresso capitalista presentes no romance *O Paraíso das Damas*, observando de que maneira Émile Zola articula modernização e conflito social na construção narrativa da Paris moderna.

A modernização do comércio x o comércio tradicional

O romance *O Paraíso das Damas* (1883), de Émile Zola, representa, no campo literário, o processo de urbanização de Paris no século XIX por meio do surgimento e da expansão monopolizadora de um grande magazine, capaz de transformar profundamente as relações econômicas e sociais ao modificar a própria percepção da atividade de consumo.

Nesse contexto, o progresso industrial e a expansão do comércio impulsionam uma modernização que beneficia determinados setores da sociedade. Conforme observa a historiadora Jeanne Gaillard (2008), existe uma relação estreita entre a modernização urbana de Paris e o surgimento das grandes lojas de departamentos:

Que existe uma aliança entre a Paris moderna e a loja de departamento, não há a menor dúvida para Zola; que a estética da loja de departamentos caminha justamente com uma admiração precoce pelo urbanismo do Segundo Império, não se faz dúvida ao leitor (GAILLARD, 2008, p.21)

Para Zola, o desenvolvimento do comércio moderno não pode ser dissociado das transformações urbanísticas promovidas durante o Segundo Império Francês, especialmente das reformas conduzidas por Georges-Eugène Haussmann. As novas avenidas largas, a reorganização dos bairros e a ampliação da circulação urbana criaram condições favoráveis

para o crescimento das grandes lojas, que dependiam tanto do fluxo contínuo de consumidores quanto da visibilidade proporcionada pela cidade moderna.

A observação de Gaillard (2008) também evidencia o caráter estético da loja de departamentos. O grande magazine no romance não se configura apenas como um espaço econômico, mas como um espetáculo visual integrado à nova paisagem urbana parisiense. Suas vitrines, fachadas monumentais, iluminações e a abundância de mercadorias transformam o consumo em experiência sensorial e forma de entretenimento. Logo, se a Paris haussmanniana buscava impressionar pela grandiosidade, pela ordem e pela circulação, a loja moderna seduz pela exposição visual e pela sensação de abundância infinita.

O romance também denuncia a ruína dos pequenos comerciantes e a violência da concorrência capitalista, mas também revela admiração pela força transformadora da nova Paris. A loja de departamentos surge, assim, como símbolo máximo desse processo histórico, reorganizando hábitos, desejos, espaços urbanos e relações sociais. À vista disso, a modernidade comercial e a modernidade urbana aparecem, em Zola, como fenômenos inseparáveis, ambos vinculados à consolidação do capitalismo e da cultura de consumo no século XIX.

Até o avanço da Revolução Industrial e da modernização do comércio, marcada pelo aparecimento das grandes lojas de departamento, predominavam formas tradicionais de trabalho associadas à hereditariedade. Os pequenos comércios familiares caracterizavam-se pela transmissão dos estabelecimentos entre gerações, preservando modelos econômicos e sociais fundamentados na continuidade familiar e na manutenção das tradições comerciais.

Nesse contexto, predominava uma lógica patriarcal e hereditária no comércio tradicional parisiense. Absorvidas pelas exigências da rotina cotidiana, muitas famílias de comerciantes não dispunham de tempo, ou mesmo de condições, para refletir criticamente sobre as transformações econômicas e sociais em curso. Em grande medida, limitavam-se a reproduzir práticas e valores herdados das gerações anteriores, tentando preservar um modelo comercial progressivamente ameaçado pela expansão dos grandes magazines.

No romance, a resistência às mudanças sociais é representada pela família Baudu, cuja insistência na conservação das tradições evidencia o conflito entre o comércio tradicional e a modernização capitalista:

Era um hábito patriarcal da casa. O fundador, Aristide Finet, dera sua filha Desirée a Hauchecorne, seu primeiro balconista; Baudu, desembarcado na rua de la Michodière com sete francos no bolso, desposara a filha de Hauchecorne, Elisabeth. Agora ele pretendia, por sua vez, ceder a filha, Geneviève, e o comércio a Colomban assim que os negócios retomassem o rumo. Se estava retardando assim um casamento decidido havia três anos, era por um escrúpulo, uma teimosia de probidade: ele recebera o comércio próspero, não queria passá-lo às mãos de um genro com clientela inferior e operações duvidosas (ZOLA, 2008, p.43)

A tradicional loja da família não aparece apenas como um empreendimento econômico, mas como uma instituição familiar cuja continuidade depende da transmissão do patrimônio entre homens ligados por alianças matrimoniais. O casamento, nesse contexto, também deixa de ser uma escolha afetiva para assumir função estratégica: garantir a estabilidade do negócio, preservar o nome da família e manter intacta uma tradição comercial construída ao longo de gerações. Assim, Aristide Finet entrega a filha ao primeiro balconista, Hauchecorne; posteriormente, Baudu casa-se com a filha deste, perpetuando uma espécie de linhagem burguesa sustentada pela associação entre família e comércio.

Contudo, Baudu posterga o casamento de Geneviève e Colomban porque considera que o jovem não possui uma clientela sólida nem práticas comerciais confiáveis. Essa preocupação demonstra uma ética comercial baseada na honra, na estabilidade e na reputação construída lentamente, características típicas do pequeno comércio familiar do século XIX.

A relutância à expansão comercial, aliada ao apego à tradição, perpassa toda a narrativa, refletindo-se nas ações e falas de algumas personagens que repudiam qualquer mudança em seu meio social. Assim, comerciantes mais antigos persistem em ideais tradicionais até sucumbirem e, mesmo sem obter lucros, recusam-se a vender seus estabelecimentos:

- Tudo isso são fantasmagorias. Comércio é comércio, não tem nada para se apresentar aí... Ah! Concordo que eles tenham sucesso, mas isso é tudo. Durante muito tempo, acreditei que eles acabariam por se arruinar; sim, esperava por isso, com paciência, lembra-te? Pois bem, não! Parece que hoje são os larápios que fazem fortuna, enquanto as pessoas honestas morrem na miséria... Este é o ponto em que chegamos, sou obrigado a me inclinar diante dos fatos. E me inclino, meu Deus!, me inclino... (ZOLA, 2008, p.258)

O discurso de Baudu explicita o sentimento de derrota do pequeno comerciante diante da consolidação do capitalismo moderno representado pelas grandes lojas de departamentos. Para ele, o comércio deveria fundamentar-se apenas na honestidade das trocas e na fidelidade entre comerciante e cliente. Entretanto, a ascensão avassaladora das grandes lojas destrói essa visão tradicional, fazendo com que Baudu reconheça, ainda que amargamente, a vitória de uma lógica econômica baseada na agressividade mercantil e na expansão incessante do lucro.

Baudu demonstra uma profunda crise moral e social ao interpretar a modernização comercial como uma inversão de valores éticos. A prosperidade deixa de ser associada ao trabalho honesto, passando a depender de estratégias que ele considera enganosas. Assim, sua fala revela não apenas o ressentimento individual do personagem, mas a percepção de que a modernidade capitalista corrói antigas estruturas sociais e morais.

Constrói-se assim uma rendição inevitável diante de um sistema econômico mais forte do que suas convicções pessoais, marcando a decadência do comércio tradicional e a

impotência daqueles que não conseguem adaptar-se às novas dinâmicas do consumo e da concorrência.

Essa oposição ao progresso comercial é uma marca recorrente em outras personagens, como Bourras, que não cede seu pequeno espaço comercial ao *Paraíso das Damas*, mesmo que isso lhe cause a miséria:

A pequena casa de Bourras, comprimida entre o Paraíso das Damas e a mansão Duvillard, agarrada ali como um ninho de andorinha no vão de um muro, parecia a ponto de ser esmagada com um murro no dia em que a loja invadisse a mansão. E esse dia tinha chegado, o colosso se desviava do fraco obstáculo, cingindo-o com sua abundância de mercadorias, e ameaçava engoli-lo, absorvê-lo pela força única de sua inspiração gigante. Bourras sentia muito bem o aperto que fazia estalar sua lojinha; via-se diminuir, e temia ser ele mesmo sugado para dentro do monstro, passar para o outro lado com seus guarda-chuvas e suas bengalas, tanto a terrível mecânica roncava nessa hora (ZOLA, 2008, p.246)

A loja de Bourras é representada como algo frágil e diminuto, imagem que enfatiza sua vulnerabilidade diante da monumentalidade da grande loja que, por sua vez, assume proporções monstruosas e quase desumanas, capaz de esmagar, engolir e absorver os pequenos estabelecimentos ao redor. Essa personificação transforma o capitalismo moderno em uma força viva e voraz, cuja expansão parece inevitável e incontrolável.

A linguagem metafórica constantemente empregada por Zola reforça o caráter mecânico e impessoal desse novo sistema econômico que aproxima a loja de uma máquina industrial gigantesca, sugerindo que o comércio moderno opera segundo uma lógica automática de crescimento contínuo, indiferente às vidas individuais destruídas em seu caminho.

Bourras não teme apenas perder o negócio, mas ser consumido pelo monstro capitalista, o que simboliza a dissolução da identidade dos pequenos comerciantes diante da centralização econômica. Assim, o romance evidencia como a modernização urbana e comercial transforma Paris em um espaço dominado pela lógica da acumulação e da concorrência, onde os sujeitos mais frágeis tornam-se incapazes de resistir ao avanço das novas estruturas capitalistas.

Essa oposição espacial entre a pequena loja comprimida e a expansão gigantesca da loja *Paraíso das Damas* revela a desigualdade de forças entre tradição e modernidade. Bourras, assim como seus vizinhos comerciantes, representa o comércio artesanal, pessoal e estável, enquanto a grande loja simboliza o consumo de massa, a abundância e a sedução mercantil.

Não é apenas a ruína de um indivíduo, mas a transformação estrutural da sociedade francesa do Segundo Império, marcada pela modernização econômica e pela consolidação de uma cultura baseada no espetáculo e no consumo. Isto posto, o conflito é apresentado como um processo histórico inevitável em que o velho comércio é lentamente cercado, sufocado e absorvido pelo novo capitalismo urbano.

O progresso econômico surge acompanhado pela destruição de vidas e formas sociais tradicionais, uma vez que o declínio econômico do comércio tradicional é constante e gradual, estando diretamente ligado à expansão da loja *Paraíso das Damas*, que inaugura novas seções de produtos diversificados, abrangendo desde perfumaria e floricultura até sapataria. Consequentemente, os estabelecimentos comerciais localizados ao redor do magazine entram em decadência, e a personagem de Denise Baudu evidencia a impotência daqueles que tudo veem, mas necessitam dessa grande máquina para sobreviver:

Meu Deus! Apenas torturas! Famílias que choram, velhos largados nas calçadas, todos os dramas pungentes da ruína! E ela não podia salvar ninguém, tinha consciência de que aquilo era bom, que esse estrume de misérias era necessário à saúde da Paris de amanhã (ZOLA, 2008, p.432)

Essa enumeração serve para evidenciar o custo humano da expansão das grandes lojas e da reorganização urbana e comercial de Paris. O crescimento do *Paraíso das Damas* produz riqueza e modernização, mas também provoca desemprego, falência e exclusão social. Assim, Zola rompe com uma visão idealizada do progresso ao revelar que a prosperidade burguesa depende do sofrimento daqueles incapazes de acompanhar as novas dinâmicas econômicas.

Denise apresenta a visão controversa em que percebe o sofrimento causado pela modernização, mas também compreende que não pode interrompê-lo, pois ele integra o próprio funcionamento do capitalismo emergente. Uma ambiguidade moral constantemente presente no romance, pois, embora exista compaixão pelas vítimas da transformação econômica, a narrativa sugere que o avanço da modernidade é inevitável. O progresso não é apresentado como absolutamente positivo nem inteiramente condenável; ele aparece como uma força histórica contraditória, simultaneamente criadora e destrutiva.

O contraste social amplia-se sobretudo quando essas distintas perspectivas são representadas lado a lado, já no início do romance, momento em que a personagem Denise Baudu chega a Paris e assume, narrativamente, o papel de guia do leitor nesse cenário de desigualdade:

A loja [Velho Elbeuf] conservava seu odor rançoso, à meia-luz na qual todo o antigo comércio, simples e honesto, parecia chorar de abandono. Porém, o que a [Denise] apaixonava era, do outro lado da rua, o Paraíso das Damas, cujas vitrines conseguia avistar através da porta aberta (ZOLA, 2008, p.45)

O *Velho Elbeuf* é descrito por meio de imagens de decadência e estagnação que criam uma atmosfera melancólica, associando o antigo comércio a um espaço ultrapassado e condenado ao desaparecimento. A personificação da loja que parece “chorar” reforça a ideia de um mundo em declínio, incapaz de competir com as novas formas de consumo e de espetáculo comercial.

Em oposição, à frente, o *Paraíso das Damas* surge como objeto de fascínio. Mesmo visto apenas pelas vitrines através da porta aberta, a grande loja exerce uma força de atração quase

hipnótica. Suas vitrines possuem papel central nessa sedução, pois representam uma das grandes inovações do comércio moderno, a exposição visual da mercadoria como espetáculo.

Através da perspectiva dos comerciantes tradicionais, as grandes lojas instauram uma concorrência brutal e desumana, baseada na disputa incessante pela sobrevivência econômica. Essa dinâmica aproxima o universo comercial das teorias darwinistas difundidas no século XIX, ao sugerir que o capitalismo opera segundo uma lógica de seleção natural, na qual apenas os mais fortes sobrevivem.

Adepto da teoria darwiniana de seleção natural, Zola representa a transição do comércio tradicional para a produção e comercialização em grande escala por meio de imagens animalizadas. Nesse processo, os pequenos comerciantes são simbolicamente “engolidos” por uma imponente loja capaz de dominar o comércio local.

Segundo o filósofo György Lukács (1968), a recorrência de imagens animais nas obras de Émile Zola configura uma crítica ao sistema capitalista, denunciando a violência social produzida pela modernidade burguesa. Para Lukács, a degradação humana aparece na forma de personagens dominados por impulsos e comportamentos quase bestiais, evidenciando a brutalização das relações sociais em uma sociedade fundada na concorrência, na exploração e na luta pela sobrevivência:

Sabemos que a insistência zoliana no quase refere ao elemento animalesco constitui um protesto contra a bestialidade do capitalismo, cujas leis ele não chega a compreender. Na sua obra, contudo, este protesto irracional leva a uma fixação do elemento inumano, à atribuição de um caráter permanente ao animalesco (LUKÁCS, 1968, p.76)

Entretanto, Lukács também dirige uma crítica ao naturalismo zoliano. Segundo ele, Zola não compreende plenamente as causas históricas e sociais dessa “bestialidade”. Em vez de analisar o capitalismo como um sistema histórico transformável, o autor tenderia a apresentar o comportamento animalesco como algo permanente e inerente à natureza humana. Assim, aquilo que deveria ser entendido como consequência de condições sociais específicas como miséria, exploração, desigualdade, acaba naturalizado. Para Lukács, essa perspectiva limita o alcance crítico do romance naturalista, pois transforma fenômenos históricos em características biológicas ou inevitáveis.

Essa crítica pode ser relacionada diretamente ao romance, no qual o capitalismo comercial é descrito por metáforas orgânicas e monstruosas. O *Paraíso das Damas* surge como um organismo devorador que engole os pequenos comerciantes, enquanto multidões são atraídas pelas mercadorias como por um instinto irresistível. Embora essas imagens revelem a violência do sistema capitalista, também sugerem a existência de forças naturais e incontroláveis diante das quais os indivíduos parecem impotentes.

A leitura de Lukács também ampara a ambiguidade do naturalismo que ao mesmo tempo em que denuncia a desumanização produzida pelo capitalismo, tende a representá-la como um destino inevitável e quase biológico.

Desse modo, o espaço central da narrativa, a loja de departamentos, é constantemente personificado por meio de características animais “O magazine, ainda vazio de clientes, e cujos funcionários iam aos poucos chegando, zunia em seu interior como uma colmeia que começava a despertar.” (ZOLA, 2012 p. 32).

A metáfora da “colmeia” representa o funcionamento coletivo e mecanizado da grande loja de departamentos. Mesmo antes da chegada dos clientes, o magazine já “zunia”, indicando intensa movimentação interna, organização e atividade contínua. A comparação com uma colmeia sugere disciplina, produtividade e coordenação, aproximando os funcionários das abelhas operárias que trabalham incessantemente para manter o funcionamento do organismo coletivo. Assim, a loja deixa de ser apenas um espaço comercial e assume características de um sistema vivo, dinâmico e autônomo.

A imagem também evidencia a despersonalização do trabalho na modernidade capitalista. Os empregados aparecem subordinados ao ritmo da loja e às exigências da produção e da venda, tornando-se peças funcionais de uma engrenagem econômica maior. Tal representação aproxima o comércio moderno do universo industrial do século XIX, marcado pela racionalização do trabalho e pela submissão do trabalhador a estruturas hierárquicas e impessoais. O “zunido” constante reforça essa ideia de atividade automática e incessante, como se a loja possuísse vida autônoma.

Além disso, a metáfora da colmeia carrega certa ambiguidade típica do naturalismo de Zola. Por um lado, há fascínio diante da energia e da vitalidade do magazine, símbolo do progresso econômico e da modernidade urbana. Por outro, a imagem sugere uniformização e perda da individualidade, pois os trabalhadores tornam-se semelhantes a insetos organizados em torno de uma lógica produtiva superior. Dessa maneira, o trecho sintetiza uma das principais características do romance que é a representação das grandes lojas como organismos modernos que encantam pela grandiosidade, mas que também absorvem e subordinam os sujeitos à dinâmica impessoal do capitalismo.

De acordo com Carpeaux (2012), um aspecto central do projeto naturalista de Émile Zola está na tentativa de compreender os indivíduos a partir de leis científicas e deterministas. Diferentemente dos personagens tradicionais do romance romântico ou psicológico, os personagens de Zola não são construídos apenas em torno de paixões individuais ou conflitos morais isolados. Eles funcionam como “casos” sociais e biológicos, isto é, como exemplos concretos das forças que determinam o comportamento humano. Assim, suas ações são explicadas por fatores como hereditariedade, meio social, ambiente econômico e impulsos fisiológicos, elementos profundamente influenciados pelas teorias científicas do século XIX:

Mas os indivíduos de Zola não são abstrações personificadas; são, ao contrário, “casos” atípicos, exemplificações de conceitos abstratos. Não são maníacos, obsidiados por determinada paixão. Até pode acontecer que não tenham nenhum caráter definido. Pois o mundo de Zola já não é estático. Encontra-se em movimento, em evolução, conforme as leis da biologia, do darwinismo, da hereditariedade. A mera observação dos fatos sociais já não basta para dominá-los. Precisa-se, para tanto, de uma teoria científica. É o determinismo de Claude Bernard: fornece as razões do comportamento dos indivíduos (CARPEAUX, 2012, p.277)

Isto posto, Carpeaux (2012) ressalta que o mundo representado por Zola está em constante movimento e transformação, acompanhando as ideias evolucionistas derivadas do darwinismo. Em toda a saga *Les Rougon-Macquart*, os indivíduos não aparecem como sujeitos plenamente livres, mas como organismos submetidos a condições históricas e biológicas que moldam seus destinos. Essa perspectiva aproxima a literatura da ciência experimental, sobretudo das concepções do médico Claude Bernard, cuja ideia de determinismo influenciou diretamente o naturalismo. Para Zola, o romance deveria funcionar quase como um laboratório social, no qual o escritor observa os efeitos do meio e da herança sobre os personagens.

Essa leitura é particularmente importante para compreender que os personagens do romance são profundamente condicionados pelas transformações econômicas e urbanas do capitalismo moderno. Denise, Mouret, Baudu e Bourras não atuam apenas segundo escolhas individuais, eles são arrastados pelas forças do consumo, da concorrência e da modernização comercial. A própria loja *Paraíso das Damas* funciona como um organismo social que modifica desejos, comportamentos e relações humanas.

O historiador Eric Hobsbawm (1977) analisa o impacto social e moral da consolidação da sociedade burguesa capitalista no século XIX, destacando que a introdução de um comportamento individualista e utilitário rompeu profundamente com os valores das sociedades tradicionais, nas quais predominavam relações comunitárias, solidariedade familiar e vínculos sociais relativamente estáveis:

A introdução de um sistema individualista puramente utilitário de comportamento social, a selvagem anarquia da sociedade burguesa, teoricamente justificada por seu lema “cada um por si e Deus por todos”, parecia aos homens criados nas sociedades tradicionais pouco melhor do que a maldade desenfreada (HOBBSAWM, 1977, p.222)

Há também a percepção de que o capitalismo liberal produziu um ambiente social marcado pela concorrência desenfreada e pela instabilidade. Para aqueles formados em estruturas tradicionais, essa nova ordem parecia destrutiva e moralmente degradante, pois dissolvia antigos referenciais éticos e comunitários. O avanço da modernidade capitalista era frequentemente percebido como uma espécie de violência social legitimada economicamente. Á vista disso, Hobsbawm evidencia que o capitalismo não transformou

apenas a economia, mas também as formas de convivência, os valores e as concepções de humanidade.

A reflexão de Hobsbawm (1977) dialoga diretamente com o romance de Zola especialmente na representação dos pequenos comerciantes ameaçados pela expansão das grandes lojas de departamentos. Personagens como Baudu e Bourras enxergam o novo comércio exatamente como essa “anarquia selvagem” descrita pelo historiador, ou seja, um sistema impessoal que destrói famílias, tradições e formas antigas de solidariedade em nome da concorrência e do lucro.

Sob essa perspectiva, a grande loja *Paraíso das Damas* simboliza essa nova lógica capitalista, capaz de fascinar consumidores e produzir riqueza, mas também de arruinar vidas e dissolver o mundo tradicional.

Entre os beneficiados da nova lógica capitalista, destaca-se um grupo restrito de proprietários desses grandes estabelecimentos, pertencentes à burguesia, que acumulam capital e concentram o poder econômico. Na obra, acompanha-se o crescimento financeiro de Octave Mouret, proprietário do *Paraíso das Damas*, que se percebe como agente do progresso social e urbano:

Mas nós temos a mente aberta, e se ele não pode ocupar a sobrinha em sua loja, ora, nós lhe mostraremos que a sobrinha só precisou bater à nossa porta para ser acolhida.... Repita-lhe que ainda gosto muito dele, que não deve me culpar pelas mudanças: são as novas condições do comércio. Diga-lhe ainda que ele acabará afundando se continuar a teimar com um monte de velharias ridículas (ZOLA, 2008, p.89)

Zola também revela a postura pragmática e expansionista do comércio moderno, que se apresenta como “aberto” e adaptável às exigências econômicas do tempo. Em contraste, o pequeno comerciante aparece associado à rigidez, ao apego às tradições e à incapacidade de acompanhar as transformações do mercado.

Ao afirmar que Baudu “acabará afundando” caso continue preso às “velharias ridículas”, a narrativa sugere que a sobrevivência econômica depende da adaptação ao capitalismo moderno. As “velharias” não se referem apenas aos produtos antigos, mas também aos valores ligados ao pequeno comércio familiar como estabilidade, relações pessoais com a clientela e práticas comerciais tradicionais. O discurso do progresso transforma essas práticas em sinais de atraso histórico, legitimando a ascensão das grandes lojas como símbolo da modernidade.

Esse trecho também revela a ambiguidade moral característica de Zola. Há uma aparente cordialidade no discurso, mas essa benevolência esconde uma lógica profundamente destrutiva. O *Paraíso das Damas* acolhe Denise não apenas por generosidade, mas porque o novo capitalismo absorve continuamente indivíduos e espaços pertencentes ao velho comércio. Assim, a modernização comercial é apresentada simultaneamente como

oportunidade e ameaça, uma vez que oferece trabalho, expansão e dinamismo, mas também dissolve antigas estruturas sociais e condena ao desaparecimento aqueles que resistem à lógica do progresso econômico.

Outra parcela da população, especialmente os jovens, é seduzida pela modernização do comércio ao enxergar nesse novo sistema uma possibilidade de ascensão social, como ocorre com Denise Baudu, personagem que também ecoa um discurso ideológico favorável ao progresso comercial: “a evolução lógica do comércio, as necessidades dos tempos modernos, a grandiosidade dessas novas criações, enfim, o bem-estar crescente do público.” (ZOLA, 2008, p. 258). Tal perspectiva sugere que o surgimento dos magazines seria uma consequência natural e inevitável do progresso histórico. Nesse sentido, o comércio moderno aparece associado à racionalidade, à eficiência e ao avanço econômico, enquanto o antigo comércio familiar é implicitamente representado como uma estrutura ultrapassada, incapaz de acompanhar as novas necessidades.

Essa oposição entre o moderno e o tradicional também se manifesta na relação entre Colomban e Geneviève. Genro e sucessor do senhor Baudu na administração do *Velho Elbeuf*, Colomban abandona seu compromisso com a noiva ao apaixonar-se por Clara, uma vendedora da *Paraíso das Damas*:

O golpe que abatia Geneviève fora o desaparecimento repentino de Colomban. Primeiro, seduzido por Clara, ele dormira fora de casa uma vez; depois, cedendo à loucura de desejo dos rapazes dissimulados e castos, tornou-se o cachorro obediente dessa garota e não voltara para casa na segunda-feira – simplesmente escrevera ao patrão uma carta de adeus, feita com frases cuidadosas de um suicida. Talvez, no fundo desse ataque de paixão, houvesse também o plano esperto de um rapaz feliz em renunciar a um casamento desastroso; a loja dos Baudus ia tão mal como sua prometida, a hora era boa para romper por uma tolice. E todo mundo falava dele como uma vítima fatal do amor (ZOLA, 2008, p.417)

O abandono de Geneviève não decorre apenas da paixão impulsiva de Colomban por Clara, mas também da decadência financeira da família Baudu. O romance sugere que o amor, o casamento e os vínculos pessoais deixam de ser sustentados exclusivamente pelos sentimentos e passam a ser condicionados pela lógica econômica e pelas exigências de sobrevivência social. Assim, o rompimento amoroso relaciona-se diretamente à ruína do pequeno comércio tradicional.

A caracterização de Colomban revela a ambiguidade psicológica típica do naturalismo. Ao abandonar Geneviève no momento em que a loja dos Baudu afunda economicamente, o jovem evita associar-se a um futuro de fracasso e miséria. Desta forma, Zola desmonta a idealização romântica do amor ao mostrar que os sentimentos humanos são influenciados por interesses materiais, pulsões biológicas e circunstâncias sociais.

O episódio também evidencia a destruição progressiva da estrutura familiar tradicional provocada pela modernidade capitalista. O casamento entre Geneviève e Colomban fazia

parte da continuidade hereditária do comércio familiar, prática comum entre os pequenos lojistas do século XIX. Com a decadência econômica dos Baudu, essa união perde sua função social e torna-se inviável. A própria Geneviève, adoecida e abandonada, simboliza o esgotamento desse mundo antigo incapaz de resistir à expansão do *Paraíso das Damas*. Posto isto, a narrativa associa ruína econômica e desintegração afetiva, mostrando que o avanço do capitalismo moderno transforma não apenas o comércio, mas também os vínculos humanos e familiares.

Nesse sentido, Geneviève representa a fragilidade do modelo tradicional que enfraquece, enquanto Clara simboliza a sedução exercida pela modernidade comercial que deslumbra. A tristeza da rejeição que destrói lentamente Geneviève, causando sua morte, pode, portanto, ser interpretada como o triunfo do novo modelo comercial:

O pequeno comércio do bairro queria dar aos Baudus um testemunho de simpatia; e nessa solicitude havia também uma espécie de manifestação contra o Paraíso das Damas, que acusavam da longa agonia de Geneviève. Todas as vítimas do monstro estavam ali, (...). Enquanto esperava o carro fúnebre, atrasado por algum problema, essa gente vestida de negro andava de um lado para o outro na lama, erguia olhares de ódio em direção ao Paraíso, cuja vitrines claras, os mostruários radiantes de alegria, pareciam-lhes um insulto diante do Velho Elbeuf, ainda mais soturno em seu luto. Algumas cabeças de vendedores curiosos apareciam atrás das vidraças; mas o colosso mantinha sua indiferença de máquina lançada a todo vapor, inconsciente dos mortos que pudesse ter feito pelo caminho (ZOLA, 2008, p.424)

A morte de Geneviève transforma-se em símbolo da destruição do pequeno comércio tradicional pela expansão do capitalismo moderno. O funeral ultrapassa a dimensão individual e assume caráter coletivo, em que os comerciantes do bairro comparecem não apenas para lamentar a jovem, mas para manifestar solidariedade diante de uma ruína compartilhada. Geneviève torna-se, assim, vítima emblemática do *Paraíso das Damas*, cuja ascensão econômica é percebida como responsável pela decadência material e emocional das famílias ligadas ao velho comércio.

A oposição entre os dois espaços reforça essa leitura simbólica. De um lado, o *Velho Elbeuf* aparece mergulhado no luto, na escuridão e na decadência, do outro lado, o *Paraíso das Damas* exhibe vitrines luminosas e radiantes de alegria. O contraste evidencia a insensibilidade da modernidade capitalista diante da miséria que produz. Enquanto os pequenos comerciantes vivem o sofrimento e a perda, a grande loja continua funcionando normalmente, sustentada pela lógica impessoal do lucro e do consumo. As vitrines iluminadas transformam-se em símbolo da indiferença do espetáculo mercantil perante a destruição humana que acompanha seu progresso.

A metáfora final do “colosso” mantém “sua indiferença de máquina lançada a todo vapor” é particularmente significativa. A loja deixa de ser apenas um estabelecimento comercial e assume a forma de uma máquina moderna, automática e desumanizada, incapaz de reconhecer os indivíduos esmagados por seu avanço. A imagem sugere uma crítica à

racionalidade capitalista, que prioriza expansão, produtividade e acumulação, sem considerar as consequências humanas de seu funcionamento. Assim, Zola apresenta o capitalismo moderno como uma força histórica irresistível, simultaneamente fascinante e destrutiva, capaz de produzir abundância e progresso enquanto deixa mortos e arruinados pelo caminho.

Considerações finais

Se parte significativa da produção literária busca retratar acontecimentos distantes no tempo ou construir universos ficcionais desvinculados da realidade imediata, nas narrativas de Émile Zola observa-se um movimento distinto, em que há uma aproximação entre literatura e experiência histórica concreta. Embora os fatos históricos não sejam apresentados como tema central de seus romances, o autor percorre diferentes espaços sociais e urbanos, registrando em suas obras as profundas transformações econômicas, sociais e culturais do século XIX.

Inserido no contexto do naturalismo, Zola transforma a literatura em instrumento de observação da sociedade moderna, articulando ficção e realidade histórica em uma representação crítica das contradições produzidas pelo avanço do capitalismo.

À vista disso, o romance *O Paraíso das Damas* (1883) insere na literatura o processo de modernização urbana e comercial da Paris do Segundo Império. A narrativa não se restringe ao funcionamento interno da grande loja *Paraíso das Damas*, ao contrário, amplia seu foco para abarcar as experiências daqueles que orbitam esse novo centro comercial, evidenciando como a expansão das grandes lojas afeta diferentes grupos sociais. A ascensão dos magazines aparece diretamente vinculada às reformas urbanísticas de Paris, ao fortalecimento da burguesia e ao crescimento do consumo de massa, fazendo do romance um importante painel das contradições da modernidade capitalista.

A presença de perspectivas sociais divergentes desfaz uma leitura maniqueísta da obra e aproxima a ficção da complexidade da realidade histórica. Enquanto alguns personagens encontram nas grandes lojas oportunidades de ascensão social, estabilidade econômica e integração à nova dinâmica urbana, outros experimentam a ruína material, o enfraquecimento dos vínculos familiares e a exclusão provocada pela concorrência capitalista. Desta forma, o romance evidencia que o progresso econômico não se distribui de forma homogênea, produzindo simultaneamente desenvolvimento e destruição social.

Logo, o declínio gradual do pequeno comércio tradicional não representa apenas uma transformação econômica, mas também o desaparecimento de valores, práticas e formas de sociabilidade associadas ao modelo familiar e hereditário do comércio parisiense. Personagens como Baudu, Bourras e Geneviève simbolizam a fragilidade desse mundo em decadência, incapaz de resistir ao avanço das novas estruturas capitalistas. Em oposição, o

grande magazine *Paraíso das Damas* surge como símbolo máximo da modernidade ao ser grandioso, sedutor e expansivo, mas também impessoal e destrutivo.

As recorrentes metáforas animais e mecânicas utilizadas por Zola reforçam a representação do capitalismo como uma força orgânica e voraz, capaz de absorver indivíduos, espaços e relações humanas. A loja transforma-se em um verdadeiro organismo vivo ou em uma máquina autônoma, cuja expansão parece inevitável. Tal representação aproxima-se das concepções naturalistas influenciadas pelo determinismo científico e pelas teorias darwinistas do século XIX, segundo as quais os sujeitos aparecem condicionados pelo meio social, pelas estruturas econômicas e pelas forças históricas que os cercam.

Por fim, percebe-se que a ascensão do comércio moderno, representada simbolicamente pela grandiosidade do magazine, aparece como elemento fundamental para o progresso urbano, econômico e social da Paris moderna. No entanto, o leitor também é conduzido a se sensibilizar com o destino dos pequenos comerciantes e de suas famílias, atingidos pela força destrutiva desse processo histórico. O “monstro” que devora o antigo comércio é, ao mesmo tempo, responsável pela criação de novas possibilidades de desenvolvimento, consumo e reorganização social. Isto posto, Zola constrói uma narrativa profundamente ambígua, capaz de reconhecer tanto o fascínio quanto a violência da modernidade capitalista, reforçando a complexidade histórica, social e humana.

Referências

CARPEAUX, Otto Maria. **O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux**. – São Paulo: Leya, 2012. – (História da literatura ocidental; v. 7).

GAILLARD, Jeanne. **Prefácio**. In: ZOLA, Émile. *O Paraíso das Damas*. Tradução de Joana Canêdo. – São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

HOBBSAUM, Eric John Ernest. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

ZOLA, Émile. **Do Romance**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995.

ZOLA, Émile. **O Paraíso das Damas**. Tradução de Joana Canêdo. – São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

ZOLA, Émile. *O Romance Experimental*. In: ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Sobre o/a (s) autor/a (s):

Kassandra Naely Rodrigues dos Santos

Doutora em Letras pelo programa de Pós - Graduação em Letras – PPGL / Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. E-mail: kah_naelly@hotmail.com

Milena Hoffmann Kunrath

Doutora em Teoria da Literatura pelo programa de Pós - Graduação em Letras – PPGL / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: milena.kunrath@gmail.com